

Lisbeth Rodrigues – DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.
História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2. 2025. 256-260.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r2

DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.

Lisbeth Rodrigues
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”
lisbethrodrigues@letras.up.pt

No início de 2025, a prestigiada Cambridge University Press deu à estampa a mais recente obra de Elise Dermineur, professora associada na Universidade de Estocolmo e reconhecida especialista em questões de crédito, género e história das mulheres na Europa pré-industrial. *Before Banks* procura (e consegue) reconstituir as redes sociais do crédito e do débito num contexto anterior à hegemonia das instituições bancárias modernas, tomando como casos de estudo Delle e Florimont, duas comunidades rurais do Antigo Regime francês. Face à densidade da historiografia sobre o crédito nas sociedades pré-industriais, esta obra poderia, à primeira vista, parecer uma reiteração de percursos de investigação já trilhados. Porém, o contributo de Dermineur distingue-se pela originalidade ao abordar o crédito rural, quase sempre negligenciado em benefício do contexto urbano, e pela erudição com que articula diferentes correntes teóricas e áreas disciplinares. Ao demonstrar a ubiquidade do fenómeno creditício e o seu enraizamento nos mecanismos de reputação e confiança, a autora oferece um estudo importante para quem se interessa pelas dinâmicas sociais da atividade creditícia, distanciando-se de abordagens meramente económicas.

Before Banks refuta a perspetiva teleológica que concebe o sistema financeiro contemporâneo como o corolário inevitável de uma progressão linear. Embora não totalmente nova na historiografia, ao analisar as comunidades alsacianas de Delle e Florimont entre 1650 e 1790, Dermineur defende a ideia de que o crédito transcendia a mera função económica, constituindo um pilar essencial da coesão social. A cronologia escolhida permitiu à autora identificar a erosão progressiva das redes sociais do crédito a partir da década de 1760, quando novos agentes entraram no mercado e o número de processos judiciais por incumprimento aumentou de forma significativa. A autora propõe

Lisbeth Rodrigues – DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.
História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2. 2025. 256-260.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r2

que o sistema pré-industrial, pese embora as clivagens estruturais que o caracterizavam, integrava mecanismos de “proteção social” progressivamente eliminados pelo capitalismo financeiro contemporâneo. Argumenta que o crédito entre pares (*peer-to-peer*), nas suas vertentes notarial e informal, possuía uma flexibilidade e um enraizamento social (*social embeddedness*, devedor do pensamento de Karl Polanyi e Mark Granovetter) contrários à rigidez dos mercados de capitais contemporâneos, aspeto que poderá explicar a resiliência e a longevidade do sistema.

Do ponto de vista metodológico, a obra ancora-se nos pressupostos da micro-história, fundamentando-se num vasto *corpus* documental. Destaca-se a construção de uma base de dados a partir de fontes variadas, como inventários de bens, contratos notariais e processos judiciais, que permitiram reconstituir redes de crédito e de débito, um exercício dificilmente desenvolvido a escalas nacionais. Dermineur recorre à *Social Network Analysis* (SNA) para mapear a complexidade das interações financeiras e para compreender o comportamento dos agentes, cruzando a análise histórica com a economia comportamental. Ao convocar teóricos como Richard Thaler, a autora demonstra como o mercado de crédito operava com base em estímulos sociais e normas de reciprocidade que minimizavam o risco de incumprimento, mesmo na ausência de garantias institucionais. Os dados empíricos apresentados (pp. 94, 106-107, 139) ilustram a densidade destas teias relacionais, demonstrando que o mercado de capitais não constituía um bloco monolítico, mas antes um conjunto de círculos concêntricos, estribados na homofilia e na proximidade geográfica, corroborando a tese de Laurence Fontaine sobre a natureza relacional do crédito.

A obra encontra-se estruturada em seis capítulos, enquadrados por uma introdução e um epílogo, que primam por uma narrativa clara. O texto é enriquecido com cartografia, tabelas, gráficos e reproduções de documentos que atestam uma aturada investigação de fontes primárias e enriquecem a obra. No capítulo 1, Dermineur apresenta os casos de estudo: Delle e Florimont entre 1650 e 1790; no capítulo 2 analisa as práticas de crédito informal; enquanto no capítulo 3, sob inspiração de Philip Hoffman, Gilles Postel-Vinay e Jean-Laurent Rosenthal, examina o papel dos notários como mediadores institucionais, agentes importantes na mitigação das assimetrias de informação e, por conseguinte, na redução dos custos de transação. Os capítulos 4 e 5 são de particular interesse, porventura

Lisbeth Rodrigues – DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.
História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2. 2025. 256-260.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r2

os mais inovadores, ao explorarem a participação feminina no mercado de crédito rural e os fenómenos da insolvência e do incumprimento. A obra encerra com o capítulo 6, centrado na progressiva institucionalização do sistema financeiro no ocaso do Antigo Regime.

Para sustentar esta arquitetura, Dermineur começa por revelar a magnitude do fenómeno creditício. Num contexto de escassez crónica de numerário, de resto, partilhado por toda a Europa, em que a circulação de moeda raramente excedia as 100 *livres* por habitante (p. 6), o crédito funcionava como o motor da economia. Na senda de Craig Muldrew, Dermineur observa que o endividamento constituía uma condição quase universal, dado que cerca de 80% dos indivíduos faleciam com obrigações financeiras pendentes. O peso deste mercado era de tal ordem que o *stock* de dívida hipotecária em França atingiu cerca de 10% do PIB no início do século XIX, um valor que a autora considera surpreendentemente moderno e comparável ao observado nos Estados Unidos no período pós-1930.

A ideia da rigidez das normas institucionais face à fluidez das práticas locais perpassa a obra. Embora o teto legal de juros em França fosse de 5% desde 1665, os notários, tal como noutras regiões da Europa (incluindo o sul europeu, de resto, omisso da obra), registavam quase sempre esta taxa nominal para contornar as proibições da usura. Contudo, a economia política operava, a mais das vezes, à margem do contrato escrito: o “preço” do crédito era, pois, frequentemente ajustado através de pagamentos em espécie, como entrega de feno ou gado ou a transferência da exploração temporária de bens de raiz, tornando o mercado de crédito rural num sistema maleável, ajustado às necessidades de subsistência e aos ciclos agrícolas.

Um dos contributos mais relevantes da obra reside na análise da participação feminina no mercado de crédito, tema sobre o qual Dermineur se tem especializado nas últimas décadas. Refutando a premissa de que o crédito era um domínio estritamente masculino, a autora demonstra que as mulheres, independentemente do seu estado matrimonial, utilizavam o crédito para a gestão patrimonial e para, de algum modo, assegurar a sua autonomia financeira. Participando em cerca de 20% a 30% das transações (valores que superam os habitualmente apontados pela historiografia), as mulheres de Delle e Florimont não eram atores marginais (p. 166). É conferido destaque às viúvas

Lisbeth Rodrigues – DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.
História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2. 2025. 256-260.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r2

que, beneficiando de maior liberdade jurídica, emergiam como agentes importantes na economia local, desenvolvendo redes de crédito femininas alicerçadas na confiança mútua (p. 174). O recurso ao crédito constituía, muitas vezes, um investimento estratégico e uma espécie de “seguro social” para a velhice (p. 165), pois garantia (ou podia garantir) um rendimento estável em períodos mais vulneráveis.

Ao abordar o incumprimento (capítulo 5), Dermineur oferece uma perspetiva sociológica da dívida, sustentando que a falência não era apenas um reflexo de insucesso económico, mas um processo social complexo. No Antigo Regime, privilegiava-se a negociação em detrimento da punição. Dermineur demonstra que a estrutura de crédito era pautada pela resiliência, já que nem credores, nem comunidades, nem mesmo instituições formais (tribunais) desejavam o aprisionamento ou a ruína do devedor; o objetivo era a recuperação do capital e a preservação da estabilidade social mediante a renegociação constante das cláusulas contratuais. Assim, ao contrário do sistema bancário contemporâneo, a prioridade destes agentes não era a liquidação imediata do devedor, mas a manutenção da sua viabilidade económica, garantindo o fluxo contínuo de juros e de serviços e perpetuando laços de dependência.

Através do estudo de processos de cobrança, a autora evidencia sucessivas tentativas de perdão e reestruturação da dívida. Ainda assim, o estigma da insolvência era latente, afetando a “honra” e o capital social do devedor, o que comprometia o seu acesso futuro ao mercado de crédito. A recuperação do capital emprestado operava entre as esferas informal e formal, que coexistiam e se complementavam. Contudo, a morosidade do aparelho judicial impelia, quase sempre, os agentes de volta à esfera extrajudicial. Dermineur revela ainda o papel das redes de solidariedade na preservação do património familiar, demonstrando que o sistema não colapsava perante os níveis elevados de incumprimento devido à elasticidade do mercado (pagamentos em espécie, dilação de prazos). Em última instância, num mercado estribado no capital social e na honra, as implicações sociais do incumprimento revelavam-se mais significativas do que as económicas.

A resiliência do sistema residia, portanto, na sua extraordinária plasticidade. Enquanto os bancos modernos pautam a sua atividade pela rigidez, o mundo rural alsaciano dos séculos XVII e XVIII regia-se por uma cultura de renegociação permanente.

Lisbeth Rodrigues – DERMINEUR, Elise M. (2025), *Before Banks: The Making of Credit and Debt in Preindustrial France*, Cambridge, Cambridge University Press. ISBN 9781009502641, 293 pp.
História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2. 2025. 256-260.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r2

Esta natureza social do crédito garantia que as trocas eram mediadas por princípios de auxílio mútuo. Ao cruzar a história económica com a economia comportamental, Dermineur remata com uma provocação ao sistema financeiro moderno, sublinhando o abismo entre as instituições atuais e o tecido social que lhes deu origem. A despersonalização das finanças modernas resultou na perda da dimensão humana das relações de crédito (pp. 235-236, 241-243).

Não obstante o mérito inegável da obra, o leitor identificará, certamente, algumas lacunas. Em primeiro lugar, a análise da Alsácia beneficiaria de um maior aprofundamento da sua especificidade geopolítica; num território marcado por conflitos bélicos, as redes de confiança poderão ter sido testadas por pressões externas que a autora não explora em detalhe. Além disso, ressalta um viés geográfico comum: Dermineur circunscreve o diálogo historiográfico ao noroeste europeu, preterindo o diálogo com a historiografia do sul da Europa. Estudos sobre a atividade creditícia em Portugal, Espanha e Itália, que propõem modelos de crédito formal e informal com matizes semelhantes ao caso francês, bem como estudos sobre o incumprimento da dívida e a morfologia dos mercados, estão totalmente ausentes da obra. Esta omissão reitera uma visão da Europa pré-industrial centrada no noroeste europeu, negligenciando, uma vez mais, contributos produzidos noutras geografias, mesmo quando estes se encontram amplamente divulgados em língua inglesa.

Todavia, estas observações não ensombram os méritos da obra recenseada. *Before Banks* constitui um marco importante na historiografia sobre o crédito rural, demonstrando que, no Antigo Regime, a atividade creditícia era, sobretudo, uma prática de sobrevivência, solidariedade e organização social. Em última instância, Dermineur oferece uma leitura importante que nos convida a refletir sobre o papel histórico da dívida na preservação dos laços de solidariedade.